



## EDITORIAL

## AUTOCRÍTICA

Há várias semanas tivemos a ideia de lançar um repto aos nossos leitores, inquirindo deles o que pensavam do nosso jornal e quase implorando que nos respondessem.

O silêncio que se fechou sobre este assunto foi absoluto. Nem uma resposta, sequer.

Se quiséssemos adoptar uma posição optimista, diríamos que estão todos de acordo, uma vez que ninguém nos censurou. E não seríamos os primeiros a interpretar o silêncio como adesão.

Recorrendo a outro prisma, poderíamos concluir que os assinantes recebem e pagam o jornal, mas não lhe passam uma vista de olhos, de modo que nem sequer chegaram a aperceber-se do significado da nossa iniciativa.

Pela nossa parte, sem podermos deixar de lamentar o silêncio que se fez, interpretamo-lo de maneira diferente.

As pessoas desabituarão-se de assumir a responsabilidade pelas suas opiniões. Por isso ou não sabem manifestá-las, ou recebem tomar posições públicas, que as vinculem.

É frequente sermos procurados e abordados com pancadinhas nas costas e com sugestões no sentido de que foquemos um ou outro problema. A todos temos respondido que os conhecemos, que sabemos tratar-se de pessoas que lêem e escrevem e que nós não escrevemos por encomenda, mas pedimos e

agradecemos que cada um exponha o seu ponto de vista. Nem estes conselhos, porém, mereceram acolhimento.

E, uma vez que ninguém se abalança, cabe-nos a nós fazer a autocritica do nosso Jornal.

Tivemos um amigo que, em conversa, equacionou os termos da questão de modo que aplaudimos o Jornal está muitíssimo melhor do que era, mas não tem o valor que lhe atribuem os responsáveis e não é ainda aquilo de que Espinho precisa.

Afirmção certa, nas suas linhas gerais.

Temo-nos preocupado com bater tão repetidamente certas teclas, e de tal modo que certos escritos se apresentam aos leitores como o simples eco de escritos anteriormente apresentados. Mas não esqueçamos dois factores essenciais: os problemas debatidos — mar, C.P. e acessos — são problemas que existem desde que Espinho existe, problemas com solução repetidamente prometida ao longo dos anos e esperada em cada ano, problemas que, apesar de tudo e de serem absolutamente vitais, receamos não sejam resolvidos, ou, pelo menos, não sejam resolvidos com a urgência que eles próprios requerem e com a facilidade e certeza de que as actuais promessas se apresentam enroupadas.

(Continua na pág. 2)

## FIM DE SEMANA. 21

Aconteceram as festas da Ajuda deste 1973.

Ouviu-se dizer que seriam diferentes das dos anos anteriores. Mas não foram. Ouviu-se dizer que foram mais fracas. Talvez.

Nada disso interessa. Interessa que aconteceram. E basta.

São festas populares. Do povo. Para o povo. O povo veio. (E virá). Vieram as gentes das aldeias, as do campo, de perto e longe. Missão cumprida.

Festas da Ajuda são arraial, são romaria. Romaria é povo. Haja filarmónicas de metais a brilhar tocando ou guinchando zarzuelas, trechos de ópera, marchas, rapsódias. (se puder ser, que na Ajuda não pode, haja terreiro em torno ao coreto para dançar em passo de tango ou valsa ao som da melodia; seja qual fora, serve. «Os mestres Cantores» wagnerianos ou a «Boémia» puccinesca; o que interessa é pretextos para se amarrarem bem agarradinhos); haja missa solene com sermão tonitroante clamando pelas virtudes do santo festejado e arrenegando as malsartas do senhor mafarrico; haja iluminações, arraial, barracas de pim-pam-pum, (podendo ser com camareiras a atrair papalvos), de farturas, do que calhar-loucas, chapéus de alta fantasia em papel, quiquilharias, pão, bistecitos, refrescos, goloseimas, regueifa

doce; haja procissão com andores, estandartes, pálio (podendo ser com os notáveis do sítio às varas), anjinhos pinocas ou farrapentos, chorosos ou risonhos, compenetrados ou chateados, limpos ou ranhosos, arrastados pelos paizinhos impantes de vaidade ao passearem as suas crias; haja foguetório que abonde, fogo preso ou de artifício-lágrimas, lagartas, assobio — (AAAAH-OOOO), girândolas, morteiros; haja tascas para apanhar uma borracheira e relva ou areal para cozê-la; haja isto, e ponto, é festa, é povo.

Todas as romarias têm algo de próprio além daqueles elementos comuns, a que falta acrescer os carrocés, as pistas de automóveis, os aviões, et.; de característico a da Ajuda tem a procissão a passar junto do mar com um bota abaixo de foguetes, tem o areal para as merendas, o mar para lavar os pés e molhar as beiras das calças e a roda das saias, tem a feira das cebolas.

Detesto as romarias, o raio dos foguetes, os apertos, a porcaria que os romeiros deixam; mas cumpro a tradição: fui à capela (o andor estava mimoso), fui ver as bandas (mas não as pude ouvir, porque não havia lugar para estacionar), dei volta ao arraial, comprei cebolas e carreguei com elas,

(Continua na pág. 6)

## A Concessão do JOGO

Os dados estão lançados. As propostas dos concorrentes estão entregues para ser escolhida a que mais e melhor defenda os interesses do Estado e de Espinho, nos próximos 15 anos. Já devem ter sido abertas e começadas a ser esmiuçadas no seu miolo para serem, finalmente, postas à apreciação e escolha do Conselho de Ministros.

Nestes últimos meses tem sido motivo das atenções gerais cá da terra o presente concurso à concessão de jogo. Os espinhenses poéticos e bairristas vêem ao alcance da realidade a transformação de um sem número de vantagens turísticas de valor global para o enriquecimento da cidade. Gera-se a certeza de que entre tantos benfeitores que surgiram de lés-a-lés de Portugal para ficarem com o Casino nos próximos 3 lustros estará o melhor nas vantagens que interessam de facto à zona que Espinho centraliza. O que até à data era interesse de dois ou três concorrentes passou, (porque seria?) a interessar uma vintena deles, alguns caloiros nestas andanças, outros catedráticos mestres de investimentos turísticos. Todos vêm altruisticamente dispostos a oferecer mundos e fundos. Dezenas de milhares de contos em investimentos valiosos para ambas as partes (o concorrente e Espinho). Praticamente sem lucros, sem truques... Só para serem uns senhores simpáticos, altruistas, colaboradores...

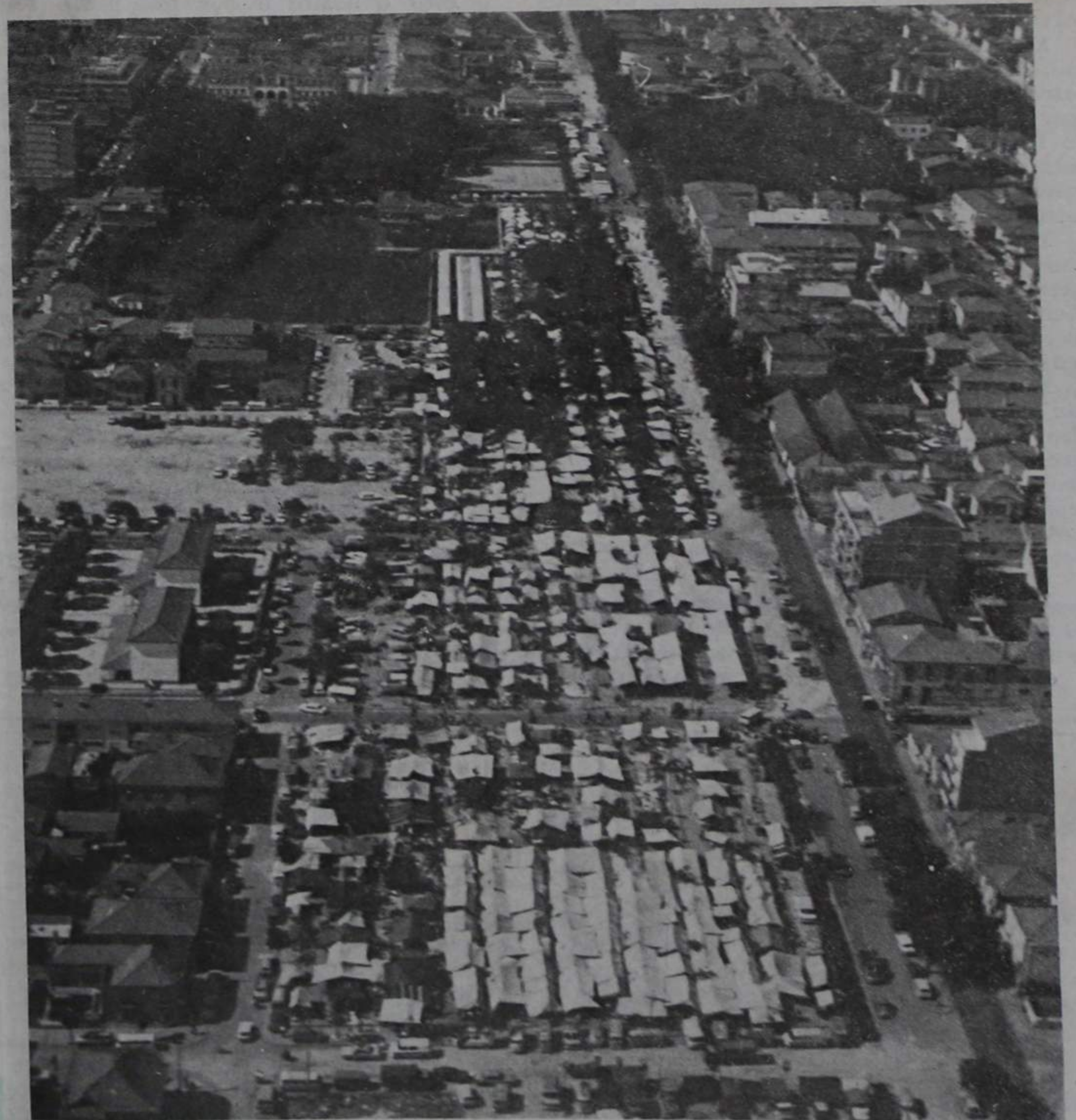
E então os boatos dos últimos 15 dias têm animado o suspense criado à volta das especulativas realizações.

- A Empresa tal aplica um milhão de contos e faz uma auto-estrada do Porto a Espinho;
- Fulano também concorre e vai fazer uma Ópera (!) e um porto de mar para barcos de Turismo;
- Cíciano faz 20 hotéis de 20 andares e com 200 quartos cada;
- A Empresa coisa faz um Casino em Silvalde e faz um Bairro de 200 casas para pobres;
- Beltrano muda a linha do comboio e faz uma fábrica transformadora de lixo em adubo.

É um mundo de carências necessárias que brotam com oportunidade: Hotéis, Piscinas, Parques de Campismo, Motéis, Bairros para pobres, meios de comunicação... Todos se preocuparam em saber o que faz falta a Espinho para serem agradáveis.

O prezado leitor, espinhense dos quatro costados, com certeza que já está a vibrar com o maná que se avizinha. Nos tempos da nossa *teen-ager* idade não havia perspectivas de tamanha valia. As bocas que têm surgido lançadas pelos profissionais da boaticidade e pelos respeitáveis senhores a par da questão fazem adivinhar um paraíso de

(Continua na página 2)



VISTA AÉREA DA NOSSA FEIRA SEMANAL

Ao princípio era um quarteirão...

Depois cresceu, cresceu, e hoje é um mundo, um espectáculo, um supermercado gigantesco!

LEIA NAS PÁGINAS CENTRAIS  
HOJE SUPLEMENTO  
ABERTURA DAS AULAS . 2



# DEFESA DE ESPINHO

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

ADMINISTRADOR

ANTÓNIO GAIO

REDACÇÃO

ARMÉNIO GOMES  
CARLOS PINHEIRO MORAIS  
CARLOS SARRIA  
JOÃO QUINTA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA  
DE PUBLICIDADE  
DE ESPINHO, LDA.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA SEQUEIRA  
RUA JOSÉ FALCÃO, 122  
PORTO

## O MINISTRO DAS CORPORACÕES ESTEVE EM ESPINHO

Na passada quinta-feira, logo pela manhã, o Ministro das Corporações, Dr. Rebelo de Sousa, acompanhado do Governador Civil de Aveiro, Dr. Vale de Guimarães, do Presidente do Instituto de Obras Sociais, Dr. Veiga de Macedo, do Delegado do Instituto Nacional de Trabalho, Dr. Albertino Oliveira, do Presidente da Câmara e Vereação, visitaram as obras do Infantário, em construção, nos terrenos em frente do Hospital, onde pelo Arquitecto Jorge Moreira, foram inteirados do andamento daquela construção que deverá estar pronta dentro de três meses. O Ministro das Corporações aproveitou a oportunidade para informar que até ao fim do ano o I. O. Sociais abrirá concurso para a construção da Colónia Balnear, que irá valorizar sobremaneira o conjunto de obras sociais em Espinho.

# AUTOCRÍTICA

(Continuação da pág. 1)

Seremos maçadores e deselegantes? Oxalá estejamos a sê-lo. Quem nos dera virmos fazer penitência pública do que escrevemos.

Para já, recusamo-nos a compreender como é que, «estando em vias de iniciar-se» a obra de defesa e restauração do areal da nossa praia, se anda a espalhar pedras pelo pouco areal. Para já, arripamos-nos sempre que vamos à esplanada, pelo futuro que antevemos para a defesa frontal, se não se actuar a tempo e horas. É que já estamos saturados de ver estragos e de ouvir dizer depois da casa roubada, em ar marcial, «é urgente salvar Espinho».

Depois, e quanto à orientação do Jornal, bom será que todas as pessoas se convençam de que, ao apontarmos defeitos, não queremos dizer que os não haja, de igual ou maior gravidade, em outras cidades. O que queremos é tão somente salientá-los, para que sejam objecto de estudo e de remédio, na medida possível.

E dizemos na medida possível, porque não ignoramos nem podemos nem queremos fingir ignorar todas as limitações dos responsáveis pelos sectores que os nossos colaboradores alertam nos seus escritos.

E se não aparece mais gente a endeu-sar o que de bom temos, é porque Espinho e a sua massa populacional são assim. Em uma terra em franco progresso, que dia a dia o vê e o sente, pesam mais as aspirações e ansiedades justas do que as realizações, sem que isso signifique menosprezo por estas.

A maior crítica que pode fazer-se ao nosso Jornal, que ninguém faz e todos nós sentimos, é a falta de noticiário respeitante aos acontecimentos do dia a dia. Compreendemos que a grande massa

dos leitores se enfastie por ter na sua frente grandes artigos para ler sem encontrar o noticiáriozinho que tanto lhe interessa.

Eliminada a secção dos aniversários — que não deixa saudades, a não ser aos que se compraziam em ter o Jornal na sua frente um quarto de hora, para lerem o seu nome e o dia dos seus anos — todas as mais notícias têm vindo a ser dadas com feição quase estatística, o que desgosta sobretudo os leitores ausentes de Espinho e que do Jornal esperam as notícias frescas da sua terra.

Isto é assim e nós há muito tempo que o reconhecemos e procuramos remediar.

Mas não se esqueçam os leitores de que lhes cabe nessa falta muita culpa.

Nós temos uma máquina montada. Mas uma máquina pequenina e que não pode ser grande, porque as possibilidades não o consentem.

Desde que iniciámos a orientação, o número de assinantes aumentou em cerca de quatrocentos, quando pedimos e continuamos a pedir a sua elevação em mil e quinhentos. Aqui está uma colaboração que os leitores podem prestar-nos, conseguindo novos assinantes.

E, como cada um de nós tem a sua vida profissional, também pedimos aos nosso leitores que nos transmitam as notícias da terra, que tenham interesse e devam ser divulgadas.

Se os nossos leitores quiserem ajudar-nos, esta autocritica será o começo do novo rumo que tornará o Jornal agradável a todos os paladares.

E, por agora, ficamos à espera, com outra repetição: o Jornal é de todos e para todos.

AMADEU MORAIS

## A Concessão do JOGO

(Continuação da pág. 1)

delirante prazer. De repente o Casino que não dá lucros, que é assoberbado de encargos e de pedinçices, que tem despesas de administração fabulosas, artistas de variedades caríssimos e noites de azar vira em Messias benfeitor da terra vareira que se tem sentido vítima desde 1928!

Como temos sido enrolados!

Como temos sido uma terra de cegos onde têm chegado uns ceguetas dum olho só armados em reis!

Mas finalmente entramos na dança, ciosos dos nossos interesses. E só esse facto, estamos convencidos disso, fez subir vertiginosamente a cotação das propostas. A panorâmica tal e qual se apresenta garante valiosas aplicações locais.

As propostas foram entregues no

passado dia 15. As entidades oficiais prepararam os pareceres para apresentar ao Conselho de Ministros o que é válido e de interesse.

Marcelo Caetano da varanda da nossa Câmara afirmou: Enquanto estiver no meu Governo farei sempre o possível por que ao esforço das populações não falte o correspondente apoio do Estado.

Não tenhamos dúvidas que é valiosa a próxima Concessão de Jogo. E Espinho desta vez não vai ficar com as calças na mão. Disso não temos dúvidas porque os truques já não têm cabimento, os prazos para cumprir serão obrigados e as percentagens mirabolantes, essas não são aceites.

J. J.



GRANDE  
CASINO  
DE  
ESPINHO

ONDE O  
NORTE  
SE  
DIVERTE!

### MÚSICA DE BAILE

Pelos apreciados Conjuntos de

JOSÉ QUELHAS-TONY SAMPAIO

e LOS WINDY'S (espanhol)

### VARIEDADES

BALLET Salvador de Castro

MARIA EVA

Cançonetista Portuguesa

CONNIE'S Horacio Show

Cançonetistas Internacionais

### MÚSICA E DANÇA

NO SALÃO DE FESTAS NO RESTAURANTE  
Restaurante (M/ 14 anos) "Boite" (M/ 21 anos)

JANTARES CONCERTOS

Esmerado Serviço

NO SALÃO DE FESTAS

Matinéas Dançantes (M 6 anos)

Aos DOMINGOS às 16 horas com o

QUARTETO TONY SAMPAIO

SLOT - MACHINES

### CINE-TEATRO

SESSÕES TODOS OS DIAS

## CONCESSÃO DA ZONA DE JOGO

No Ministério do Interior, realizou-se, na última quinta-feira, a abertura das propostas dos concorrentes à futura Concessão da Zona de Jogo de Espinho, pelo período de 15 anos.

Apresentaram-se 15 concorrentes, sendo de salientar entre os candidatos, duas entidades espinhenses, precisamente a SOLVERDE, constituída por 300 accionistas de Espinho e uma outra, de que fazem parte seis pessoas também da nossa terra.

Qualquer uma das propostas das entidades locais aludidas, atinge expressivamente algumas centenas de milhares de contos, no que se refere a investimentos e doações em benefício de Espinho e da região envolvente.

No próximo número, contamos poder já dar pormenores mais detalhados sobre este palpitante assunto, sobretudo para se ficar a fazer uma ideia dos investimentos de que Espinho poderá vir a usufruir.

SECRETARIA NOTARIAL DA FEIRA

2.º Cartório a cargo do notário:  
Lic. Fernando José Vaz Serra Lima

JUSTIFICAÇÃO

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de 30 de Julho de 1973, lavrada a fls. 65 v.º, do livro de escrituras livresas n.º B-509, deste Cartório, Francisco António da Silva e mulher Maria da Conceição de Oliveira Pinto, residente na Rua Roberto Ivens, n.º 408, da vila de Matosinhos, ambos naturais de Espinho, declararam serem donos e possuidores, com exclusão de outrem, do prédio urbano, abaixo indicado, que adquiriram, por compra feita há mais de trinta anos, não tendo os mesmo conseguido, até ao momento, localizar o Cartório Notarial, onde foi celebrada a escrituras de compra, a qual foi feita a Gustavo Mendonça, solteiro, maior, natural e residente em Silvaldinho, de Silvalde-Espinho, declaração esta confirmada pelos srs. José Pereira de Oliveira, casado, natural da

freguesia de Anta-Espinho e residente na Rua Nove, n.º 868, da cidade de Espinho; Manuel Gonçalves Mourão, casado, natural de Espinho e aí residente na Avenida João de Deus; e Alcina Santos Oliveira, solteira, maior, residente na Rua Quarenta e um, n.º 149, também de Espinho.

PRÉDIO: Uma casa de habitação, de um pavimento com quatro divisões com um pequeno logradouro, sito na Rua Trinta e nove, n.º 254, da dita cidade de Espinho, a confrontar do norte com a referida Rua Trinta e nove, do sul com José Rodrigues dos Santos Miguel, do nascente com Filipe Rodrigues Vito, e do poente com herdeiros de José Augusto da Rocha.

Está conforme o original que na parte omitida nada há que restrinja, modifique, amplie ou condicione a parte transcrita.

Secretaria Notarial da Feira, 31 de Agosto de 1973.

O Ajudante da Secretaria,

José Gomes da Silva



# notícias da cidade

# Agenda

## OBRAS NA RUA 8

Há poucos dias iniciaram-se as obras de alargamento e pavimentação do leito da Rua 8, para sul da Rua 23. Parece-nos que esta beneficiação irá facilitar grandemente o trânsito de viaturas e o seu estacionamento numa zona central da cidade. Oxalá que a esta e à Rua 26 se sigam outras Ruas para que, embora lentamente, as vias citadinas deixem de ter os fartos inconvenientes que presentemente nelas se regista.

## A LIMPEZA DA CIDADE

Com frequência (que alguns até consideram exagerada) temos abordado os problemas da limpeza da nossa cidade. E não nos cansaremos de a eles nos referirmos, no intuito de contribuirmos para que Espinho seja uma terra cada vez mais lavada, mais airosa, mais apresentável. E porque a limpeza da cidade começa pelos seus habitantes, vamos começar uma campanha de elucidação e conselhos para que todos contribuamos para fazer de Espinho uma cidade limpa.

## CASAMENTOS

Vitor Manuel da Silva Alves com Maria Rogélia Rodrigues de Almeida, na Igreja de Espinho.

Manuel Moreira da Silva com Rosa de Almeida Frutuoso, na Igreja de Anta.

António Gomes da Silva Soares com Deolinda Alves de Oliveira, na Igreja de Paramos.

Henrique Raquel Taveira com Maria Fernanda Martins Macieirinha Taveira, na Igreja de Paramos.

Manuel Luís Amorim Ferreira de Carvalho com Maria Helena Monteiro da Rocha, na Igreja de São Félix da Marinha-Gaia.

## NASCIMENTOS

Ricardo Nuno Rodrigues dos Santos, filho de Viriato Rodrigues dos Santos e de Maria Estrela dos Santos, em Espinho.

## UMA CARTA DO BRASIL

Belém, 2 de Outubro de 1973

Exmo. Sr. Director da «Defesa de Espinho»

Tive a grata satisfação de ser contemplada com número especial da «Defesa de Espinho», em comemoração a elevação de Cidade. Nessa terra vivi bastantes anos onde tive as melhores venturas e também prazeres.

Quero congratular-me com essa grande vitória.

Minhas filhas, Lígia, Aurora, M. da Paz, paraenses. Ilda, Lúcia, nascidas em Espinho, se unem a esta satisfação.

Somente hoje escrevo, porque tenho estado fora da Cidade acompanhando meu filho Alberto, arcebispo de Belém que sofreu um acidente de carro.

Com gratidão  
Aurora Ramos

## Bons Estabelecimentos

À beira-mar, na esplanada, junto ao Hotel Praiagolfe, alugam-se Falar no local ou por telefone 34 70 3, das 15 às 18 horas.

## NOTÍCIAS PESSOAIS

APÓS uma estadia em Macieira de Cambra, regressou à nossa cidade a família do sr. Dr. Manuel Baião Nunes dos Santos, Presidente da nossa Câmara.

Também já se encontram entre nós, depois de uma digressão por Espanha, o sr. Domingos Francisco Bastos e sua família.

A fim de assistir ao 6.º Congresso Português de Estomatologia, seguiu na semana passada para Lisboa o sr. Dr. Carlos Matos Viegas.

Na semana anterior esteve na nossa cidade o antigo notário nesta localidade sr. Dr. António Pinto Basto Figueiredo.

## A EVASÃO ACABOU EM ESPINHO

Henrique Luís Carriço e Ernesto Jesus Lourenço Gomes tinham-se evadido da Cadeia Regional da Guarda. Vieram de longada até Espinho, utilizando três automóveis que encontraram desprevenidos pelo caminho, o último dos quais foi apreendido com os seus ocupantes na madrugada do dia 16 pela P.S.P. de Espinho.

## CONDUTORES SEM CARTA

Nas madrugadas de 13, 14 e 15, a P.S.P. deteve Belmiro Alves da Silva, José Hortêncio Marques, Oscar Rogério de Oliveira Santos e Manuel Pereira Leal, que conduziam automóveis sem para tal estarem legalmente habilitados, pelo que foram enviados a tribunal.

## FALECIMENTOS

D. MARIA BENEDITA DE PORTUGAL E MELO DA FONSECA FERREIRA DIOGO

No passado dia 11 do corrente, faleceu nesta cidade a sr.ª D. Maria Benedita de Portugal e Melo da Fonseca Ferreira Diogo, viúva do Dr. Manuel Ferreira Diogo e mãe das sr.ªs D. Maria Henrique, D. Maria Eulália, D. Maria Inês e D. Maria Benedita Portugal Ferreira Diogo e dos srs. José João Manuel e Martim Ramiro Portugal e Melo Ferreira Diogo.

O funeral teve lugar no dia seguinte da sua residência à Igreja Matriz e daí para o cemitério municipal desta cidade.

D. ALZIRA MARIA TAVARES  
C. ALMEIDA

Também no dia 11 do corrente, faleceu nesta cidade a sr.ª D. Alzira Maria Tavares Correia de Almeida, esposa do sr. Luís Domingues Pereira Capela e mãe dos srs. José Luís Tavares Pereira e Lucílio Tavares Pereira.

O funeral realizou-se no dia seguinte da residência da falecida à Igreja Matriz e daí ao cemitério municipal.

D. ELISA MOREIRA SÁRRIA

Igualmente no dia 11 faleceu em Espinho D. Elisa Moreira Sárria, viúva de Carlos Augusto de Melo Sárria, irmã da sr.ª D. Ana Moreira Patela, Avelino Moreira e tia dos srs. Joaquim Moreira Patela e Carlos Sárria, nosso redactor. O funeral realizou-se no dia seguinte, para o cemitério municipal.

— x —

As famílias enlutadas apresentamos sentidas condolências.

## BOMBEIROS EM FESTA

Para assinalar a passagem do 78.º aniversário da sua fundação, os Bombeiros Voluntários de Espinho programaram para amanhã as seguintes cerimónias:

As 9,30 horas hastear das bandeiras no seu edifício sede, em cujo salão nobre se realizará, pelas 10 horas, uma sessão solene;

As 11 horas missa na Igreja Matriz de Espinho, finda a qual haverá uma romagem ao cemitério local.

## BICICLETAS EM BOLANDAS

— A P.S.P., em serviço de fiscalização nesta cidade, em 13 do corrente, apreendeu o velocípede com motor 1ESP-40-80 pertencente ao sr. Joaquim Augusto Alves Teixeira, em virtude das características do velocípede não corresponderem às mencionadas no livrete.

— Encontram-se nesta P.S.P., duas bicicletas simples que pela 1,15 hora do dia 16 foram encontradas abandonadas em ruas desta cidade. Uma das bicicletas foi abandonada pelo condutor que se pôs em fuga logo que presenciou a polícia e não tem chapa de matrícula; a outra tem a matrícula 1ESP-59-82.

## DO HOSPITAL

De 9 a 26/10/73

Internamentos gerais, 61.  
Exames radiográficos, 120.  
Crianças nascidas, 27.

Intervenções cirúrgicas:

Obstetricia, 3; Urologia, 2; Ortopedia, 1; Oftalmologia, 2 e Cirurgia geral, 20.

Serviços de urgência:

Homens, 129 e Mulheres, 132.

Internados entre outros:

Carmen Leite Valente, de Serzedo, para Cirurgia; Maria Estrela Santos, de Silvalde, para Obstetricia; Liberdade Benvinda Pinho R. Borges, de Espinho, para Obstetricia; Palmira Ferreira A. de Carvalho, de Espinho, para Cirurgia; Maria Fernanda Ferreira O. Cruz C. Silva, de Anta, para Obstetricia e Cassiano Sebastião Baptista Osório, de Espinho, para Urologia.

## A ATENÇÃO DA P.S.P.

### O Trânsito em Domingos de Futebol

Aos fins de semana, nomeadamente aos domingos à tarde, a Avenida 2 enche-se de automóveis, que em fila a percorrem de topo a topo. E se por vezes há pequenos engarrafamentos o facto agrava-se em dias de futebol.

Ainda no domingo passado, momentos antes e depois do Espinho-Braga, houve autêntico pandemónio com os automobilistas a estorvarem-se uns aos outros, dificultando um escoamento que podia e devia, ser mais rápido.

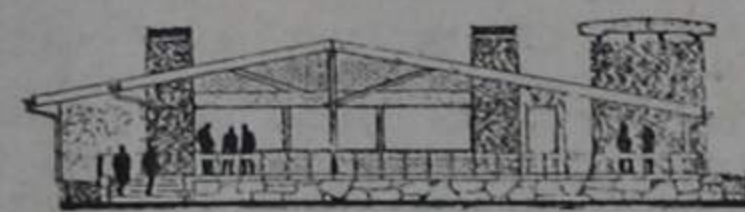
E altura de a P.S.P. organizar o trânsito nos domingos em que há futebol. Neste sentido damos a nossa sugestão.

A partir das 13,30 h. o trânsito devia fazer-se num só sentido, de norte para sul na Avenida 2, circulando pela lota e vindo pela Avenida 8 ou dispersando pela passagem de nível do Bairro Piscatório.

Na Rua 33, a poente das cancelas da C.P., bem como nas Ruas 29, 31 e 35, o trânsito devia ser também num só sentido desde a Avenida 8 até à Avenida 2.

Ao mesmo tempo só devia ser permitido o estacionamento do lado direito, no sentido do movimento do trânsito, o qual, sempre que possível, desenvolvido em duas colunas paralelas.

Agentes da P.S.P. colocados nos cruzamentos garantiriam a regularidade da circulação estabelecida entre as 13,30 h. e as 17,30 h., período que julgamos suficiente para que o trânsito retome o movimento normal.



Restaurante  
Snack — Discoteca  
**C A B A N A**

Requintado Serviço  
Panorâmica Deslumbrante  
Sala própria para Banquetes  
**Todos os Sábados na Discoteca  
Música de Baile**  
Encerrado à terça-feira para descanso do pessoal desde 1 de Outubro a 30 Abril

## Salão Nobre da Piscina

Nos dias 28, 29, 30 e 31 de Outubro, pelas 21 horas, realizar-se-ão neste salão 4 CONFERÊNCIAS BÍBLICAS, por um distinto orador Brasileiro, Dr. Jayro Gonçalves, juiz em S. Paulo, para as quais convidamos todas as pessoas a assistirem.



## APRESENTAÇÃO

«Todo o cidadão tem o direito de criticar as próprias, autoridades e serviços.

O tributo que paga, é para viver em paz, numa sociedade de homens iguais a ele e que com ele, em igualdade de direitos, tracem as linhas rectas do bem-estar comum».

Nestas palavras (tomadas de um vespertino) se resume a orientação dada a esta segunda parte do trabalho iniciado no último número do nosso suplemento, que não poderá chamar-se inquerito, mas, antes, recolha de depoimentos cuja essência é, sem exagero, a de muitas centenas que poderíamos recolher nos mesmos locais desta cidade, já para não irmos «além da chinelax».

Houve, não o ignoramos, uma inversão no sentido: fomos até junto dos problemas e, excepção para o grupo da Secção Cultural da Académica, não foram estes que vieram até nós. — Comodismo, desconhecimento de que um jornal pode servir o interesse do habitante ou simples utente de Espinho? «A priori» diríamos, sim; agora, razões que adiante ficam bem expressas levam-nos a acrescentar: mas não só!

## NA ESTAÇÃO

Na estação recolhemos ilustração suficiente, para o que havíamos afirmado sobre o problema dos transportes. Vieram-nos ainda, por acréscimo, alguns dados sobre o problema das instalações.

Duas primas, da Aguda, a Maria Júlia e a Maria Emília, alunas do 1.º ano do curso geral do comércio, foram as nossas primeiras inquiridas:

— A que horas chegam cá?  
— Às sete e meia da manhã.  
— Para ter aulas...  
— Às nove.  
— Saíam a que horas?  
— Depende; seis, sete, conforme os dias. Temos comboio às seis e dez e às sete e meia, uns dias, corremos, nos outros temos tempo.

— Almoçam cá, ou têm tempo de ir a casa?

— Almoçamos cá, numa loja!  
— Então não há cantina na escola?  
— Há, mas não funciona. Não sabemos porquê, a nós ninguém nos diz nada!

— Há algum problema, que gostassem de focar em especial?

— Sim, as aulas começaram, há uma semana e ainda não temos a maioria dos professores!

— x —

Depois atravessamos a linha e falou-nos a Augusta, em nome de um grupo de alunas, de Cortegaça. Disse-nos que frequentava o 3.º do comércio, também comia numa loja qualquer e mais:

— De manhã chego antes 1/2 hora de começarem as aulas. À tarde espero uma hora, hora e meia, e às vezes mais.  
— Onde passas esse tempo?

— Aqui, na estação!  
— Não há, aqui em Espinho, outros sítios onde pudesses esperar?

— Há sítios, cafés, mas eu não gosto por causa do mau ambiente!

— Sentes então falta de um local onde possas ocupar, positivamente, esse tempo?

— Sim, era agradável até porque, quando chove, não é bom estar aqui!

— x —

Uma aluna do 1.º ano do liceu, com quem falámos a seguir, disse-nos que chegava cá ao meio dia e um quarto, ou seja, mais de uma hora antes do começo das aulas. Costuma ocupar esse tempo na sala de convívio do liceu, da qual nos disse:

— Os jogos são muito velhos e não há música!

— Há quanto tempo estás aqui?

— Trinta e cinco minutos!

— x —

Um grupo de alunas, da escola Sá Couto, de Esmoriz, estava mais adiante, sentado desde as quatro e meia, segundo nos disseram, e lá ficaram até às seis e... Perguntámos a uma:

— É todos os dias isso?

— Não, é só à segunda e à quinta.

Nos outros dias só perdemos vinte e tal minutos.

— Porquê nesses dias...?

— Não temos educação física. Não há pavilhão e, por isso, só os rapazes é que têm.

— x —

O problema dos nossos interlocutores, conhecem-no alguns de nós, de experiência, há mais de 10 anos. Não havia tracção eléctrica, nem tinha, ainda, sido reformado o material circulante, nem a linha renovada, etc.

Hoje os alunos que frequentam os estabelecimentos de ensino de Espinho e em geral os inúmeros espinhenses que têm de fazer deslocações rotineiras, podem pôr a questão: será que, carvão ou electrões, carris de meio palmo ou palmo e meio, é apenas uma terminologia ante e pós reforma?

cionarem disciplinas para as quais não estão formados.

— Já sentiu isso de forma concreta na educação da sua filha?

— Sim, a minha filha teve um professor que não estava, nem por sombras, dentro da matéria que ensinava e isso exigiu da minha filha, e até de mim, um grande esforço de trabalho.

— x —

Uma senhora de meia idade começou por nos dizer que tinha um filho no primeiro do comércio, que não tinha profissão e que o marido era corticeiro.

— Que pensa do preço dos livros?

— Acho-os caros, um bocado puxados.

— Só tem esse filho a estudar?

— Não, tenho outro no 2.º ano do ciclo, tenho mais três ainda pequenos.

— Tem dificuldades em tê-los a estudar, ou recebe alguns subsídios?

— Não recebo nada.

— E vai tentar pô-los todos o estudar?

— Vamos a ver, vou-me sacrificar por isso. Caso não seja mais nada, vai ser o dote deles se eles quiserem seguir!

— x —

Um indivíduo que estava à porta com um papelinho na mão disse-nos que não, que não estava a comprar

# A ABERTURA DAS AULAS AULAS À NOITE

Os alunos do ensino nocturno, trabalhadores estudantes, prestam, de uma maneira geral, um duplo serviço à comunidade, por um lado integrando-se na produção, por outro formando-se para prestar melhores serviços. Abordar os seus problemas é, para «HOJE».

O António é ajudante de arquitecto, mora cá em Espinho, estuda à noite no Curso de Serralheiro Mecânico. Inquirimos:

— Há algum problema que gostasses de focar em especial?

— Não. Apenas que não era este o curso que eu queria tirar!

— Como?

— Sabes, eu queria ser desenhador da construção civil, mas esse curso não há cá!

— x —

Dois empregados de serralharia de S. Félix disseram-nos:

— Vimos de camioneta, para lá ou se arranja boleia, ou então vai-se a pé!

— E a malta lá de S. Félix, que quer estudar à noite, aguenta toda, isso?

— Não, muitos desistem e outros nem tentam.

Continuaram dizendo-nos que não têm tempo para estudar, nem tempos livres e pedindo-nos para darmos especial relevo ao problema dos transportes.

— x —

Os irmãos Alves Costa, de Paços de Brandão, disseram-nos:

— Vimos de camioneta e à ida para lá temos boleia segura.

— Acontece isso com toda a gente de Paços?

— Não, muitos querem vir estudar para cá, mas como não têm transportes para lá...

— Tempo para estudar, têm?

— Olha começo a trabalhar às 8,30 e chego a casa à meia noite. Quando há ponto, rouba-me um bocado ao sono e, ao sábado e ao domingo, também se dá um jeito.

— Tens tempos livres?

— Nem pensar nisso!

— x —

Foi longa a conversa com o Rosadas, de Lourosa, aluno do 5.º ano do curso

de Serralheiro Mecânico. Disse-nos que vinha de camioneta e para cima ia de motorizada com um amigo — «o que até constitui uma transgressão». E torneiro mecânico; entra na oficina às 8,30 e sai às 18,30; as aulas, em Espinho, começam às 19,30 e mal tem tempo para jantar. Quando, na oficina, pediu para sair mais cedo, propuseram-lhe que trabalhasse essa meia-hora (tal foi o tempo que pediu) no intervalo, de uma hora, destinado ao almoço — «o que não está certo, pois mesmo, sendo o meu trabalho pouco pesado, eu não me sinto bem a trabalhar ainda com o almoço a dar voltas cá por dentro».

Assim vai continuando, teve de abandonar a prática do desporto — jogou futebol júnior no Lusitânia — porque, segundo os pais, isso lhe tirava a saúde. Sobre os transportes, disse-nos:

— Se agora o problema se põe a 50 %, quando vier o frio e a chuva, então, será a 90 %.

— Achas que há indivíduos que desistem dos estudos por causa disso?

— Não é caso para isso! Quando há força de vontade... Mas a verdade é que muitos, muitos até, desistem ou, até, nem vêm estudar por causa disso.

— A cantina, que há cá na escola, não resolve o problema de não teres tempo para jantar?

— Não, eu, nos outros anos, tenho cá jantado, uma vez por outra, mas não posso comportar essa despesa dia após dia.

— Porquê, é caro?

— Muito caro!

— x —

Tal é o problema do trabalhador-estudante, melhor seria dizer do trabalhador que quer estudar. Pode a sua solução ser difícil a cada um por si. Num contexto geral não o será e é neste contexto que referimos o que se se segue: em certas empresas do ramo metalomecânico, são-lhes facilitadas duas horas, pagas, diárias, no caso de terem bom aproveitamento; transportes que a todos servissem, seria solução mais fácil e menos dispendiosa, do que colocar escolas em todas as localidades em que há alunos. Soluções congéneres contribuiriam, ainda, para que tivessem os tempos livres, indispensáveis à recuperação do esforço, de um dia de trabalho.

## NA LIVRARIA

Numa livraria da baixa, num dia de grande movimento, iam saber de livros, o ensino básico veio à baila.

— Está a comprar livros para algum filho?

— Neste momento não, mas já comprei os livros da minha filha.

— Em que ano estuda ela?

— No 3.º (quinto) do Liceu.

— Que acha do preço dos livros?

— São caros, caríssimos!

— Mas estarão em conformidade com o nosso actual nível de vida, ou impõe restrições ao orçamento familiar?

— Impõe restrições e grandes! Então para mim...

— Dentro da nossa sociedade, que escalão ocupa?

— A minha profissão é professora primária.

— Como encarregada de educação, tem com certeza uma opinião formada sobre a qualidade do ensino cá em Espinho.

— Acho-o aceitável dentro de certos limites. Há por vezes professores a lec-

livros para qualquer filho, mas era professor primário cá no concelho.

— Pode-nos dizer a sua opinião sobre o preço dos livros escolares?

— Acho-os caros.

— Quer apontar algum problema do ensino básico aqui no concelho?

— Acho as turmas muito sobrecarregadas! Não sei se o mesmo se passa cá, na sede do concelho, mas nas redondezas, é facto.

— E isso, é por causa do ensino complementar?

— Bom isso passa-se no ensino elementar. Sobre o ensino complementar, dizem que vai acabar, mas aqui na escola Sá Couto não têm lugares que cheguem.

— Gostávamos ainda lhe pôr uma questão sobre o ensino pré-primário, fala-se, que vai ser obrigatório.

— Não há possibilidades, porque não há estabelecimentos! Se não os há para o que é obrigatório, para isso nem se fala!

— Mas, acha que há muita necessidade desse tipo de ensino?

— Isso é básico, principalmente nos meios rurais, não há dúvida, só para quem não está dentro do assunto! Tudo deveria começar por aí, em vez de reformarem a Universidade, deviam restaurar o ensino básico, começar pelo pré-primário.

— x —

Uma senhora, professora primária, esposa de um funcionário administrativo reformado, com quatro filhos a estudar no liceu e na faculdade, disse-nos sobre livros:

— Esse é o meu principal problema, já gastei 2000 escudos e tenho ainda de gastar mais algum. Note que, eles ainda têm, uns, os livros dos outros, e faça ideia!

— Como professora primária, que pensa do ensino pré-primário?

— Acho que é muito útil e deveria haver em todas as localidades. Cá em Espinho temos, mas na localidade onde trabalho, não há.

— Sabe quantas crianças têm acesso a esse ensino cá em Espinho?

— Bem poucas, porque é pago!

— E é caro?

— Não muito, 150\$00 por mês.

— E caso tivesse filhos nessa idade, podê-los-ia ter lá?

— Isso não, tive lá só um, se fosse mais já não podia.

— Então é caro!

— E verdade, é, deveria ser grátis!

— O professor primário sente então dificuldade devido à falta desse tipo de ensino?

— Muita dificuldade, principalmente quando as crianças são da aldeia porque chegam com os olhos completamente tapados!





TODO O CIDADÃO ...

## NOTAS À MARGEM

Falávamos com uma miúda do ciclo preparatório.

— Não há lá, na tua escola, um salão de estudo?

— Há, mas eu não gosto!

— Porquê?

— Porquê?! Porque é um meio onde se estuda e eu não gosto de estudar?!  
Lógico...

— x —

Das pessoas que abordamos, muitas foram as que apenas nos disseram nada saberein ou, mesmo, «o que eu quero, é paz e sossego». Só franca ingenuidade nos levaria à não compreensão de tal atitude, mas, não será lamentável?

Esse facto explica, também, o aparecerem sob o título: «NA LIVRARIA», depoimentos de 3 professores primários, pessoas dentre muitas que abordámos, mas que, pela sua formação cívica, mostraram mesmo interesse em colaborar.

— x —

Um «puto» de dez anos, observava atentamente a nossa actividade. Perguntamos-lhe, procurando não o decepcionar:

— Que queres ser quando fores grande?

— Jogador!

— Jogador de quê?

## OS QUE NÃO VÃO

Abrem as aulas, para uns, mas não para todos. Também estes últimos têm alguma coisa a dizer.

O António Fernando tem mesmo um ar «castiço» trabalha na construção.

Quando o abordámos, carregava lenha e, pela estatura, não lhe dariamos mais de dez anos. Perguntamos-lhe:

— Que idade tens?

— Catorze anos.

— Porque é que não andas na escola?

— O meu pai não quis deixar!

Casos concretos que confirmam as questões por nós levantadas no nosso último suplemento e que resumimos na seguinte pergunta: «Será que, com o nível de vida, com a constante diminuição do poder de compra da moeda, poderemos responder às exigências económicas de um ensino que se diz gratuito?»

Atentar no estrato populacional dos inquiridos será o meio seguro de entender a resposta.

Ao que ficou dito sobre o ensino pré-primário apenas resta acrescentar a interrogação de sempre: até quando...?

— De Benfica!

«E Vivóo...»

— x —

Já depois de saído o nosso último suplemento e estando este em plena elaboração, saiu na «folha oficial» uma portaria que considerando o aumento de preços, do livro escolar e material didáctico em geral, situado entre 4,5 e 88,4% (!), especulativo, determina a homologação de alguns desses preços, no prazo de trinta dias.

Só podemos lamentar, junto dos nossos leitores, não termos abordado o assunto mais cedo!

— x —

Quando ouvíamos alunos do liceu, junto aos anexos desse estabelecimento, dois motociclistas (não adjetivamos) faziam ouvir as suas potentes máquinas a um nível sonoro que necessariamente perturbava a boa «ordem necessária» ac bom funcionamento das aulas». Uma empregada, à falta de melhor, apedrejava-os, ao que correspondia o avançar das máquinas, qual ginete de valente cavaleiro, de roda no ar, como que tentando abocanhar a impotente e enraivecida funcionária.

Este medieval episódio trouxe-nos à memória o estabelecimento que nós próprios frequentamos onde a ordem é, zelosamente, mantida por enormes «massas cinzentas».

— Porquê?

— Porque eu tinha a idade!

— Em que classe andavas?

— Só fiz a terceira!

— Em que escola?

— Lá, no «Bairro».

— x —

Uma senhora de Gulpilhares começou por nos dizer, que tinha uma filha a estudar, mas que, não era para continuar!

— E onde é que ela estuda?

— No primeiro ano do ciclo, entrou este ano!

— Porque, não continua?

— Ela é uma mocetona e não quer! (Estranhámos).

— Mas se ela quisesse estudar, a senhora poderia?

— Olhe, não! O pai ganha pouco e a gente precisa que ela vá trabalhar para ganhar algum!

— Então se pudesse, sempre insistia mais com ela, não era?

— Pois era, mas sabe...

— Sabe que, agora, o ensino vai ser gratuito?

— O senhor é que sabe, eu não sei nada dessas coisas!

(Continua na página 7)

## FALAM AS ALUNAS

Hoje propomo-nos falar dum assunto que consideramos de grande importância.

Este ano, e para não fugir ao habitual, as aulas tiveram início no dia 1, com a ida de todos os alunos aos seus estabelecimentos de ensino, para tomarem conhecimentos dos seus novos horários e, como de costume, houve a desaprovação por parte de uns e a aceitação por parte de outros; mas, se entre os descontentes alguns há que não têm razão muito válida para se queixarem, outros haverá que têm fortes motivos para protestar.

Vistos então os horários, verificámos que poucas eram as horas livres que nos restavam para nos dedicarmos a actividades que fossem do nosso maior agrado. De facto, verificamos agora as dificuldades que surgem ao pretendermos continuar uma actividade de carácter cultural que tínhamos iniciado no verão, integradas na secção cultural da A.A.E. E é bom de ver se essa dificuldade se verifica conosco, que vivemos em Espinho, muito mais se verificará para os estudantes que são de fora.

Os horários, que julgávamos não nos desfavorecerem nas nossas actividades extra-escolares, vieram contribuir para uma nova dispersão e tornar-nos difícil fazer qualquer coisa mais, além dos nossos deveres escolares. É que cada vez mais nos parece necessário fazer algo para além da simples ocupação de decorar matérias.

Claro que os nossos desejos foram além das nossas possibilidades e só a nossa força de vontade, que nos tem acompanhado, nos leva a não deixar de praticar a nossa actividade—o teatro—que para já foi a que teve mais êxito e, por isso, pô-la de lado depois de termos aprendido tanta coisa sobre

ela, seria uma decisão forçada e lamentável.

Mas não fica por aqui a série de problemas que se nos deparam a todo o momento. E um deles é o mau aproveitamento do nosso liceu, para uma melhor organização dos alunos nos intervalos e tempos livres.

Uma pergunta nos surge: — Será que o antigo ginásio do nosso liceu permanecerá sem uma utilidade definida?

Ora, todos nós sabemos perfeitamente que o recreio das alunas é tão minúsculo e desacolhedor que nos obriga a detestá-lo. E o dos rapazes?

Da nossa parte seria um pouco falta de senso dizermos que é acolhedor, mas que é mais amplo, isso é verdade.

Por que não utilizarmos o ginásio com sala de convívio, em que nos pudéssemos reunir todos rapazes e raparigas?

Dizemos isso porque, infelizmente, a nossa «arca» é só destinada a alunas, o que não é nada do nosso agrado.

E será que ainda não é desta vez que o muro que separa o recreio, rapazes-raparigas, vai abaixo?

Pois, como fecho aqui vai o nosso apelo que cremos não ser difícil de concretizar.

— Vá o muro abaixo e faça-se a sala de convívio e talvez se evite, para já, pequenos problemas que podem surgir!

NOTA: Pode parecer, à primeira vista, que o conteúdo desta colaboração entra em contradição com o que nos foi dito pelo sr. Dr. Fernando Pereira de Lima, em entrevista publicada no nosso último suplemento. Que pouco tempo baste para a desfazer—eis o que, daqui, esclarecendo, desejamos às nossas colaboradoras.

GRUPO DA S. C.

## ACÉRRIMOS E INAMOVÍVEIS

*De um longo e interessante estudo sobre o actual momento do ensino, que nos foi cedido por Leonel Pias, na forma de um texto-entrevista, transcrevemos uma pequena parte em que o autor (circunscrevendo-se às ramificações mais consentâneas com a sua filo-esfera «Universo dijunto do das «Humanidades») aborda questões enquadradas na temática deste número. Tem, pois, a palavra, o Pias:*

— Que te parece a recente criação das disciplinas de Português, Francês e Inglês, modernos?

— Parece-me inovação digna de louvor. Se a memorização das batalhas de Alcácer-Quibir e de Ourique já é uma inútil estopada, que dizer do estudo das batalhas em que andaram envolvidos os reis e sobretudo, as rainhas, de Inglaterra? Desculpável, me parece falar de Shakespeare e até mesmo da invasão dos Normandos ou da guerra americana da Secessão, mas estudar os pormenores arquitectónicos da Abadia de Westminster ou das criptas de ilustres filhos da Albion, é uma espécie de *anglofilismo arqueológico*.

Pois bem: mais de 80% dos alunos duma turma de sexto ano escolhera o inglês moderno. E o respectivo professor preparava-se, impávido, para retomar o livro clássico. Só depois de interpelado por alguns alunos pareceu admitir a existência da disciplina de «Inglês Moderno», e com um bocejo de vítima, do derperar de uma modorra cómoda, lá desceu da sua *turris ebúrnea* e acedeu, estoicamente, à solicitação dos alunos. É provável que, como tantos outros detractores do que eles chamam a «matemática dos grupos» tenha objectado: «Modernices! Modernices».

— Já que enveredaste por esse rumo, gostaria que, pelo contacto que tens tido com os alunos que frequentam os estabelecimentos de ensino, em Espinho, emitisses a tua opinião sobre a qualificação dos professores, e a sua adaptação às reformas recentemente introduzidas.

— Suponho que te queres referir à reforma relativa à matemática. Há quem lhe atribua a perturbação sentida, nos seus métodos de trabalho, por professores mais idosos ou mais conservadores, donde resultaria um desajustamento do binário docente-discente.

Mas, então, um médico competente poderá dispensar-se de se manter ao corrente da evolução das novas técnicas terapêuticas e das propriedades dos medicamentos mais recentes?

Como podemos pactuar com esses professores que se recusam a participar em cursos de actualização, porque isso fere a sua dignidade de «Joãos-Semana» acérrimos e inamovíveis?

Não; a culpa não é da «matemática dos grupos». Ainda a reforma não fora introduzida e já um *cotado* professor se limitava a enumerar, sem demonstração, certos teoremas basilares de geometria, alegando: «não vale a pena fazer a demonstração; vocês não a perceberiam!» (Tradução: nondum matura est...!)

# HOJE

## SUPLEMENTO

ELABORADO POR:

ADRIANO CARDOSO

CARLOS GAIO

CARLOS PEREIRA

CARLOS WANZELLER

EDUARDO MENDES

JORGE CATARINO

NATALIA BRASILEIRO



**Medicina Laboratorial****DR. VICTOR HUGO**

Rua 19 n.º 178-1.º Esq.—Tel. 920807

**Dr. Aucíndio Valente****MÉDICO ESPECIALISTA**

Doenças Nervosas e Mentais

RUA 20 N.º 500-1.º-TEL. 921014

Dias: 3-as e 6-as feiras com hora marcada

**Dr. José Manuel Gomes de Almeida***Clinica Médica e Cirúrgica*

RUA 19, 364-1.º - ESPINHO

Consultas marcadas pelo tel. 921218

**Dr. Rogério Ribeiro****Médico Especialista de Medicina Física e Reabilitação**Consultórios: Rua 20 n.º 500-1.º  
Telefone 921 014Rua Santa Catarina n.º 778-1.º  
Telefone 33868 — PORTO**J. Pinheiro de Moraes****Médico****Clinica Geral—Diagnósticos**

Consultas com hora marcada

**Rua 20 n.º 390 — Tel. 920452****DR. SECO JULIÃO****médico**Consultório—Rua 19 n.º 178-1.º Esq.  
Telef. 920807às 2.ª 4.ª e 6.ª feiras com hora  
marcada a partir das 15 horas**Pinto de Matos****Médico Especialista, ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo**

Fracturas e Doenças dos ossos e Articulações.

**Ausente em Inglaterra**Rua 19 n.º 364-1.º - Tel. 921218  
ESPINHO**CASA DE SAÚDE DE ESPINHO**

Reabriu para internamento em Cirurgia, Partos e Medicina, estando ao dispor de todos os Clínicos

**José Luís F. Barbosa****MÉDICO ESPECIALISTA****Doenças dos ossos e Articulações**

Consulta todas as 3.ªs feiras a partir das 14 horas, na Policlínica do Dr. Miranda Valente — Rua 31 n.º 321 — Espinho — Telefone 920689, p. f. marcar consulta.

**Dr.ª Emília Pedrosa Santiago****Doenças de Senhoras**

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16 às 19 horas

**Centro de Enfermagem de Espinho****III**

Rua 16 n.º 868

Tel. 921587 (das 8 às 24 h.)

Tel. 922329 (« 24 às 8 h.)

ESPINHO

Uma Organização

ao Serviço do

**MÉDICO e do DOENTE.****Aberto das 9 às 24****COLÉGIO DE N.º S.ª DA CONCEIÇÃO****CURSOS:** Liceal • Ciclo Preparatório • Primário • Infantil • Iniciação Musical • Artes Plásticas e Decorativas • Música com Exames no Conservatório • "Ballet" •**Telefone 920303 — ESPINHO****Dr. Ferreira de Campos****Advogado**

Telefone 920805 Rua 11-877

ESPINHO

**Dr. Lima Santiago****ADVOGADO**

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

**José Oliveira****Solicitador encartado****ESCRITÓRIO:**Rua 19-401-1.º — Tels. 920093  
920959 P.F.**RESIDÊNCIA:**

Rua 9-868 — Tel. 920770

**Explicações****Disciplinas de Ciências**

(Ensino Liceal ou Técnico)

Telefone 922432 — ESPINHO

**FIM DE SEMANA . 21***(Continuação da pág. 1)*

comi farturas, e só não fui à procissão porque era exigir demais à minha fobia aos apertos.

Mas ouvi aos daqui, como no Porto, a quem costuma vir a Espinho pela Ajuda para ver a procissão as críticas mais duras à sua pobreza franciscana. Senhores, que comandam nas festas litúrgicas, cuidadinho, não desacreditem a festa, que podem perder os votos.

Assisti, através de anos a muitas festas da Ajuda; sempre iguais. Outrora espalhavam-se pelo centro de Espinho; agora estão afastadas e em área delimitada. Daí não vem prejuízo, antes vantagem: não empecilham o trânsito e a vida no centro da cidade, e pela localização do arraial estão mais próximas do povo.

Fatalmente, se confrontarmos as festas de hoje com as antigas, há manifesta decadência, devida sobretudo à separação entre festas litúrgicas e profanas. Esta não colaboração importa perda de brilho e de animação. Vimos apenas dois coretos com bandas de música no acanhado adro da capela sem o menor espaço para o povo escutar a música, pois não só o adro suporta a contínua romagem dos que visitam a Santa, como na Rua 8 ninguém pense em parar feito basbaque a ouvir a banda. Não sei se havia lá para a Mata qualquer coreto a música. Certo é que aqueles dois coretos um em cima do outro dão um ar de pobreza a roçar por miséria à festividade e ao povo falta aquele prazer de ouvir uma banda num coreto e, terminada a execução do fungagá, encaminhar-se para outro coreto a apreciar a banda que vai iniciar a sua audição, para confrontar, saborear, incitar o despique entre ambas pela presença silenciosa, e depois formar juízo, opi-

nar, segundo o gosto de cada um, qual das duas é melhor.

Que o número de barraqueiros nos pareceu muito menor, é verdade. Ora, se continuam a diminuir, ai, ai, que lá se vai o arraial.

O facto de não serem festas da cidade não justifica a sua menor valia; repare-se no S. João do Porto, que também não é festa da cidade, e veja-se o que é a noite de S. João de repercussão nacional; curioso até que, costumando haver nessas festas sanjoaninas números de patrocínio oficial, esses é que não despertam interesse (concursos de montras e de cascatas), ou um interesse muito local, como as marchas. Não é, pois, a falta de patrocínio oficial que pode contribuir para a decadência das festas da Ajuda.

As festas são do povo da cidade e arredores e não da cidade; é o povo que tem de fazê-las como até aqui, e como acontece também, com as do Senhor da Pedra.

Como sempre, hoje as festas da Ajuda marcam o termo da época balnear; antigamente eram mais para o fim de Setembro; mas, mais serôdias ou mais temporãs, sempre à frente delas se estende um manto de melancolia outonal. Com o estralejar do último foguete, começa o último veraneante a fazer as malas. O tempo usa associar-se a esta tradição: arrefece, enevoa-se, e até começa a dar-se fé de que anoitece mais cedo. Cheira a castanhas assadas, tiram-se as malhas e cobertores da arrecadação estival.

Espinho fica mais só. Mas fica mais ela, Espinho de que gosto, familiar, acolhedora, só ela, só mar, a verdadeira Espinho.

VASCO LUIS

**ALUGA-SE**

QUARTO Rua 19 n.º 198-1.º

Falar das 20 às 21 horas  
para 92229 2.**VENDE-SE**

CASA na Rua 14, n.º 1042.

Falar com o Snr. Lirio funcionário do Banco Nacional Ultramarino.

**ESCOLA NORMAL DE CORTE****« LUC »**

Curso nocturno de Corte e Confecção

Pronto a Vestir por Escalas e Moldagem

Inscrições: Rua 21 n.º 752  
Telef. 921416**Precisam-se****Costureiras e aprendizas**para atelier. Falar na Rua 9  
n.º 676 — ESPINHO**"ALHEIRAS CERIZ"**

— AS MELHORES DE MIRANDELA —

**SEMPRE FRESCAS****Já se encontram à venda na MERCEARIA SANTOS**

Rua 22 n.º 513 — ESPINHO \* ALBINO OLIVEIRA DOS SANTOS

**OURIVESARIA CONFIANÇA**

Uma casa antiga (1890) que com as suas instalações

**BOM GOSTO E SIMPATIA**

ACOMPANHA OS TEMPOS MODERNOS

**OURO — JOALHARIA — PRATAS — RELÓGIOS**

RUA 19 N.º 307 — ESPINHO

**MÁRMORES E GRANITOS****MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES**

de

**VITORINO LOPES DA CRUZ**

TELEF. 920565

ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 50



## Atenção Surdos de Espinho

**VOLTAR A OUVIR É VOLTAR A VIVER**

A Casa Sonotone estará convosco ao vosso serviço e inteiramente ao vosso dispor na

**GRANDE FARMÁCIA DE ESPINHO**  
RUA 26 — ESPINHO



no dia 22 de Outubro das 9,30 às 10,30 horas, onde vos apresentará a mais moderna e completa gama de aparelhagem auditiva para adaptação racional a cada caso individual: Óculos auditivos, Modelos retroauriculares, Modelos de bolso, Modelos Pérola IV e Miracle VI (usados dentro do ouvido sem fios nem tubos) e os sensacionais modelos populares. A Casa Sonotone facilita-vos gratuitamente e sem compromisso exames audiométricos e experiências práticas. Visitem-nos na Grande Farmácia de Espinho no dia 22 das 9,30 às 10,30 horas.

Casa Sonotone — Praça da Batalha, 92-1.º — PORTO  
Poço do Borratém, 33 s/l — LISBOA

## ÀS RAPARIGAS DOS 16 AOS 25 ANOS!

Se você gosta de trabalhos manuais e tem gosto pela perfeição das coisas que executa, tem agora a grande oportunidade da sua promoção pessoal.

A CETAP vai iniciar cursos para trabalhos de serralharia para formação feminina, trabalhos delicados e de precisão.

Inscreeva-se!

Durante os dois meses de treino ganhará 60\$00/dia. Logo após estes dois meses o ordenado será 80\$00/dia, e depois... depois será você quem ditará a meta final.

A inscrição é limitada.

**CETAP**  
CENTRO TÉCNICO DE APLICAÇÃO  
DE PLÁSTICOS DE ANTÓNIO MATOS  
ANTA — ESPINHO TEL: 921226

## CUBOBÁS

(Receptientes eléctricos para o lixo)

Distribuidores no Distrito de Aveiro  
**Décio da Costa Lemos & Filhos, L.ª**

Rua 14, 804

ESPINHO

## HOJE

### OS QUE NÃO VÃO

(Continuação da pág. 5)

— Voltaria, mas os meus pais não querem. Querem que eu vá trabalhar!

— x —

O António Maia tem nove irmãos, que não fazem nada; o pai é capacheiro, compra na fábrica, vende na feira e paga ao patrão.

Encontrámo-lo na esplanada, junto ao mar. Ia para casa, perguntamos-lhe:

— Que idade é que tu tens?  
— Catorze anos.  
— Andas a estudar?  
— Fiz, agora, a 4.ª classe e não estudo mais.  
— Onde vives?  
— Além, junto da praia, onde está o barco!

— x —

Com um curioso que nos abordou, tivemos a seguinte conversa:

— Que idade tem?  
— Tenho 18 anos.  
— Até que ano frequentou a escola?  
— Até à 4.ª classe.  
— Nessa altura deixou de estudar para ir trabalhar ou simplesmente porque tinha acabado?  
— Os meus pais são pobres... tive que trabalhar!  
— Se lhe fossem dadas possibilidades de fazer um desses cursos nocturnos que agora se estão a criar, voltaria a estudar?

## CINEMA

Continuação da página 10

3. Acerca de «O Inimigo Público», que se exhibirá entre nós, transcrevemos opiniões de dois críticos nacionais.

a) Na linha do melhor burlesco americano, Woody Allen conta com antepassados tão ilustres como Buster Keaton (de quem herda uma certa nostalgia de olhar), Chaplin (que lhe trespassa o ar abandonado de pobre vagabundo), Bucha e Estica ou os irmãos Marx (e o seu universo caótico e profundamente absurdo). Mas Woody Allen não se fica pelos antepassados remotos e vai beber a Jerry Lewis influências inequívocas (sobretudo na convivência desastrada com os objectos, as máquinas, etc.). Acontece, porém, que depois de ter visto muito cinema Woody Allen resolveu iniciar um caminho pessoal. Assim, as influências são manifestas, mas nunca o plágio. Woody Allen deixou-se impregnar pelo espírito do burlesco americano, pelo seu mecanismo do riso, mas reinventa os «gags», repensa a sua utilização, redescobre o cinema.

(...) Desconcertante e profundamente absurdo, «O Inimigo Público»

ficará como uma das mais importantes comédias dos últimos anos. Através dela renova-se um «género» um tanto ou quanto depauperado e que Woody Allen reconduz a primeiríssimo plano. Saudemos nele um autor brilhante, de imaginação delirante e de incansável invenção.

(Lauro António, in Diário de Lisboa de 26/7/71)

b) (...) O filme joga num grande trunfo: o consentimento generalizado, a aceitação pública do absurdo e da incoerência. O inimigo, se público é, apenas o é por levar essa incoerência ao limite da sua lógica interna e disso temos exemplo no assalto falhado ao banco, uma das sequências mais conseguidas de toda a obra. Allen revela-se duma imaginação infatigável e sustenta sem desfalecimentos o rigor da sua fórmula e a agudeza do seu riso. Jerry Lewis está presente e serve de arquétipo: Allen e ele definem uma certa exigência no humor.

(Eduardo Prado Coelho, in Capital de 7/8/71)

M. G.

### Apartamentos

ALUGAM-SE

Falar Avenida 8 n.º 676  
Telef. 920824 — ESPINHO

### UNICOOPE

SUPERMERCADOS - DOMUS

Precisa  
Caixoiras - Ajudantes

Rua 41 n.º 392 — ESPINHO

**BANCO PINTO DE MAGALHÃES**  
O SEU BANCO

PORTO

LISBOA

AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E NO ESTRANGEIRO



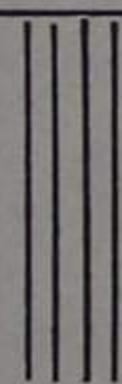


**Quando vir este símbolo,  
então saberá que pode  
contar com um Serviço  
Bancário completo.**

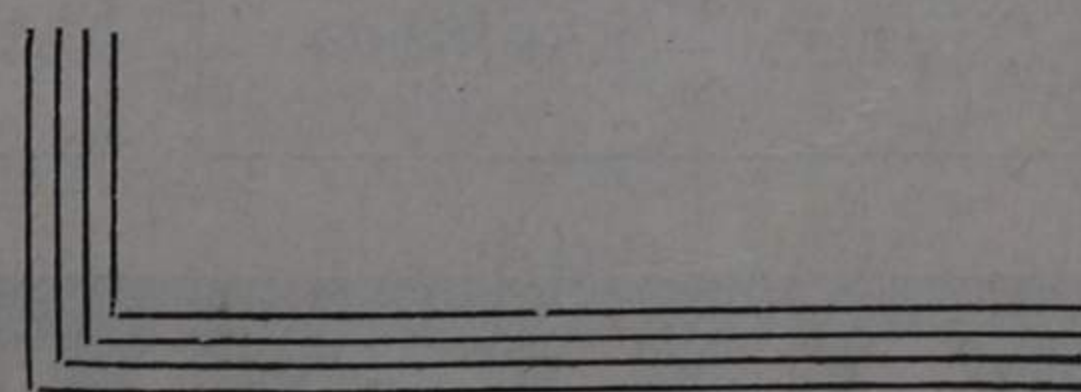


**BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA**  
onde cada um conta mais do que a sua conta

**CORFI**

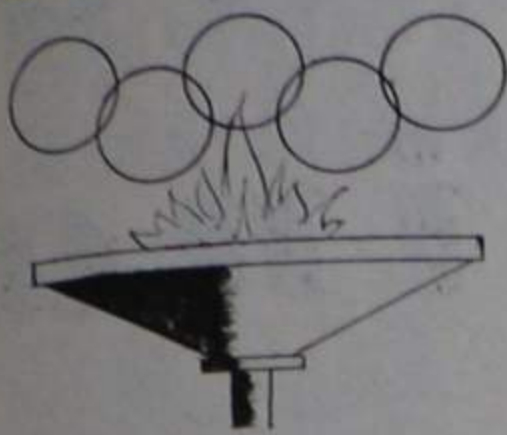


**Duas Organizações  
o mesmo Prestígio!**



**COTESI**





# desporto

ORIENTAÇÃO DE  
ROLANDO DE SOUSA

## Com licença...

### E os outros?

Para o melhor rematador da equipa, segundo a instalação sonora, vai naver um frigorífico. Isto temos ouvido no campo da Avenida. Premios desta natureza negam a essência do futebol. O futebol que é um jogo colectivista. Por conseguinte, dar um objecto, que é uma utilidade, apenas a determinado jogador, parece-nos despropositado. O mesmo acreditando que isso nao vai tornar o jogador ganancioso dentro do campo, em pura perda para a equipa, continuamos a dizer que é despropositado. Soando como imoral. Se o premio fosse um troféu, uma medalha, despidos de valor material e apenas com valor moral, talvez nao vissemos a coisa pelo mesmo prisma. Embora...

Sim, embora os outros jogadores possam perguntar como é. Que interessa meter mais golos se, por exemplo, o guarda-redes da equipa for o mais batido do campeonato? Por muito bom goleador que se seja, que poderá ele fazer se, ao lado, não tiver gente para lhe oferecer ensejos? O melhor goleador da equipa até pode meter só meia dúzia de golos, não é? Ainda se o premio fosse para galardoar o melhor marcador da equipa, desde que fosse o melhor rematador do campeonato...

Não. Um frigorífico para o rematador mais eficaz da turma vareira, não nos parece bem. Veja-se, por exemplo, que os jogadores mais influentes na manobra da equipa, com melhor indice de exhibições e evidenciando ate agora maior categoria, nao têm sido os goleadores. E, então, para esses não ha um frigorífico?

Claro, a quem atribui o premio interessa-lhe o ereito publicitário e, portanto, atrai-o muito mais o facto dele

ser entregue ao goleador, o homem que muitas vezes fará levantar as massas. Todavia, permitam-nos a sugestão, alcançada no desejo de que o premio possa ser ofertado com moral, com desportivismo e sem negar a ideia do colectivismo que deve ter uma equipa de futebol, nem só negar o direito de igualdade para todos os jogadores, cada qual um-onze-avos-de-um-todo.

Assim, propunhamos duas soluções em opção. A primeira, seria a de o frigorífico ser atribuido ao melhor jogador da equipa, através de votação popular. A entidade orientante faria determinados boletins, melhor veiculo de propaganda, para serem distribuidos pelo publico simpaticante do Sp. de Espinho, no intuito de eleger, domingo a domingo, centro e fora, o melhor atleta da equipa. No fim do campeonato, ganharia naturalmente aquele que tivesse mais votos.

No caso de nao ser viável, então era melhor sortear o frigorífico entre os componentes da equipa, desde que esta obtivesse uma posição acima do meio da tabela e, claro, se for possível a entidade patrocinadora, propunhamos que, em vez de um, fossem dois os frigoríficos, para a sorte beneficiar um elemento dos sectores atrasados (aerese e linha media) e um da linha dianteira, uepos de divididos em dois grupos com o mesmissimo numero de atletas. Oportunidades e contemplados em igualdade.

Um frigorífico para o melhor goleador da equipa?

Como nos interessa mais uma equipa, vamos lá incentivá-la sim, mas desde o guarda-redes ao ponta esquerda!

C. S.

## À MARGEM DO JOGO

Ouvimos a opinião de Artur Jorge, que viu o jogo como espectador:

— Esta semana os meus afazeres militares não me deixaram vir preparar e treinar embora o tivesse feito em Chaves, daí que tenha ficado de fora. E tive pena, porquanto fizemos o melhor jogo desta época, obrigando-nos o estado de terreno a usar de toda a força física e habilidade, para contrariar as condições adversas e o valoroso adversário, realizando-se uma magnífica exhibição, a par de um resultado certíssimo. Agora, daqui para diante, é de esperar o melhor, pois esta exhibição pode repetir-se muitas vezes, já que possuímos um magnífico lote de jogadores e encontrando-se a equipa somos sérios, e credenciados, candidatos aos primeiros lugares da nossa zona.

— x —

Apareceu a nova bancada, com excelente aspecto, e as escadarias que hão-de formar a «superior» continuam a nascer, aparecendo agora o público muito melhor acomodado e o recinto com outra capacidade.

Esperemos que não tarde, também, o prometido SECTOR DA JUVENTUDE.

— x —

Djalma não pode jogar, porquanto, sendo cidadão brasileiro, terá de aguardar a dupla nacionalidade já pedida por Telé, de molde a ser possível alinhar ao lado do seu compatriota, quando preciso.

— x —

Curiosa, e louvável, a saudação feita pela equipa aos seus associados de «peão» agora concentrados num sector num cumprimento que tem toda a

## HÓQUEI EM PATINS

### CAMPEONATO DE INFANTIS

Iniciou-se no passado domingo o 1.º Campeonato do Porto de Infantis, estreando-se a equipa da Académica de Espinho contra a do Académico do Porto no Pavilhão da A.D. Valongo. A turma espinhense, que é a mais nova das participantes, demonstrou boa categoria, não obstante ser derrotada por 0-2. Começam a dar frutos os esforços dispendidos por Vladimiro Brandão. Formaram o conjunto espinhense: Brito, Salvador, Joaquim de Sousa, Vitor Hugo, Gabriel Gil, José Silva, Arsénio Barbosa e Bruno Correia.

justificação e tem por finalidade lembrar-lhes que devem jogar por fora, apoiando a equipa.

— x —

No «ouve e diz-se» dentro do recinto, ouvimos que o Sp. de Espinho estará em vias de obter o reforço de mais um jogador, de procedência «azul-branca», que seria reforço para a defensiva.

— x —

Para quê Telé? Aquele gesto anti-desportivo, verdadeira agressão a um oficial do mesmo officio? Telé, que parece um «cara direita», assumiu uma atitude lamentável e impensada, que não pode repetir. Prejudica-se e prejudica a equipa. E, desta vez, teve a sorte do árbitro não querer ver! Além de que a sua categoria não admite daquilo!

C. S.

## FUTEBOL

### CAMPEONATO NACIONAL DA II DIVISÃO

#### Sp. Espinho, 4 — Sp. Braga, 0

(Ao intervalo: 2-0)

SIMPLESMENTE... MAGNÍFICO!

#### FICHA DO JOGO

Campo da Avenida; Tempo de chuva... sem chover; Terreno: lamacento, pesado; Assistencia: boa; Trio de arbitragem: do Porto, cnefiado por Jaime Loureiro, acompanhado de Acácio Amorim (bancada) e Ribeiro Marques (peao); Equipas:

SP. DE ESPINHO — Luz; Ribeirinho, Simplício, Gonçalves e Gomes (cap.); Acácio, Ferreira da Costa e Joao Carlos; Augusto, Telé e Malagueta; suplentes: Jorge, Magano, Pereira, Heider Ernesto (os 32 m. substituiu João Carlos) e Júlio (aos 38 m. substituiu Malagueta).

SP. DE BRAGA — Armando; Jóquina, J. Carlos I, J. Manuel e J. Maria; Agostinho (cap.), depois Joãozinho (58 m.), Palmeira e Marinho; Calú, depois (Evaldo (45 m.), Ramos e J. Carlos II.

Golos: aos 28 m.; canto por Ferreira da Costa e Gonçalves, elevando-se magnificamente, remata de cabeça ao ângulo superior, sem hipótese; aos 37 m.; Ferreira da Costa lança muito bem Telé que, antecipando-se a Armando, faz o tento; aos 61 m.; centro de Ferreira da Costa, para entrada rápida e fulgurante de Telé que, com um toque precioso, faz 3-0; aos 81 m.; Ferreira da Costa, depois duma situação confusa, recarga e fecha a contagem.

— x —

O futebol é isto! E por ser isto é que é futebol. Quem diria que num terreno lamacento, pesado, difícil, a turma local iria fazer o seu melhor jogo desta época? Quem diria que o «onze» local, com muitos elementos cuja técnica de jogo é boa para outros pisos, se iria exhibir daquele belo jeito?

O certo é que o fez. Jogou muito bem, em ritmo vivo e alegre, denotando boa presença física, empregando quase sempre o futebol linear e indicado às circunstâncias, para lá de que encontrou as soluções para furar a defensiva contrária e obter quatro tentos, além de ter criado outras tantas ocasiões, perdidas ingloriamente.

Dominando desde logo os acontecimentos, os espinhenses submetem o adversário e nunca sentiram dificuldades, embora os de Braga ripostassem sempre que podiam, de forma valorosa e dando assim maior merecimento ao bom jogo exibido pelos locais e ao triunfo merecido e incontestado, cujos números não são exagerados.

Claro, o ritmo vivaz e alegre, da primeira metade, decaiu depois, como é natural, até pelas condições do terreno

### GRUPO DESPORTIVO CORFI-COTESI

Principiou o Campeonato Regional de Aveiro, I Divisão, em que se encontra empenhado, com justas aspirações, esta equipa espinhense. O primeiro jogo realizou-se em Águeda, sob a arbitragem de Vitorino Gonçalves.

As equipas alinharam: ÁGUEDA — Gorgulho; Rui, Lito, Adolfo e Rafael; Valdemar (Sucena), Feio e Silva; Eduardo, Américo e José Pedro.

CORFI/COTESI — Jaime; Eduardo (Dias), Vieira, Serafim e Macedo; Louro, Juca (Fonseca) e Parra; Ferreira, Bessa e Sampaio.

Ao intervalo: 1-0. Final, 2-1. Marcadores: Adolfo aos

a marcarem desgaste físico, contudo a exhibição prosseguiu num plano de muito agrado, que se salientou pela demonstração de um bom entrosamento entre todos os sectores, uma dinâmica continua, um sentido colectivista e de objectividade, para quase sempre jogar simples, rápido, práctico e eficiente.

Quem diria, depois das exhibições apagadas anteriores e num terreno difícil, contra um adversário cotado?

O certo é que aconteceu, mas, após o que se viu a esta equipa espinhense e em face dos valores que a integram, talvez ousemos prognosticar que a exhibição contra o Braga reflecte muito mais verdadeiramente o indice de valor que a turma «alvi-negra» pode alcançar do que as mediocres exhibições feitas anteriormente.

Quem diria? Os prosélitos espinhenses esperam que seja para valer, pois afinal, a equipa demonstrou que sabe jogar bem, até em condições difíceis, mesmo perante um adversário valioso e valoroso, dos mais credenciados da sua zona e que nem jogou mal, apenas foi impotente para suportar e contrariar a superioridade espinhense, manifestada em todos os capitulos e traduzida por um resultado que, se pecar, não é por excesso.

— x —

A exhibição bem positiva da equipa já foi salientada, agora algumas citações individuais, para destacar o magnífico jogo feito por Ferreira da Costa, que «falou» futebol e classe, jogando e fazendo jogar e estando em todos os tentos. Muito bem. Também Telé sobresaiu, desta feita não só em pormenores, mas mostrando muito mais a classe de que vem rotulado. Completou o trio das exhibições, acima do bom, o defensor Gonçalves. Nos restantes a bitola foi boa, exceptuando-se Augusto, que, para além de demolidor e generoso, lutador e brioso, é complicado, complicado e continua a patentear técnica tosca, mais ressaltante agora rodeado por bons executantes. Perdeu três ou quatro tentos feitos! Os suplentes não tiveram tempo para se mostrar, mas cumpriram.

— x —

O trio de arbitragem teve alguns lapsos, numa actuação que, sem eles, seria boa, mas, o maior até beneficiou o Espinho, pois não viu uma infeliz e despropositada, atitude de Telé, para com um adversário.

CARLOS SARRIA

15 minutos para o Águeda; Eduardo e Bessa, aos 71 e 90.

Jogo bem disputado, perante duas equipas recheadas de bons valores tendo a equipa do Águeda apresentado melhor futebol que o seu opositor. Resultado certo.

No próximo sábado no Campo da Avenida às 16 horas

CORFI/COTESI — G.D.S. ROQUE

EM JUNIORES

Principia no domingo este campeonato, jogando no Campo do Grupo Desp. Corfi/Cotesi a equipa do Arrifanense.

Jogo às 10,30 horas.



## SAL... PICOS

Por BANZÉ & C.ª

### ...De GRAÇA

- O preço de tudo sobe tão depressa que, quem for gago, está sujeito a pagar mais caro... quando acabar de pedir o que quer.
- Era um miúdo precoce e, apesar de andar na 1.ª classe, notava-se a sua inclinação para uma carreira política: já sabia conjugar o verbo prometer em todos os tempos.
- Magrinha, magrinha, era aquela senhora, a tal ponto que não havia nenhum raio de sol capaz de a fazer projectar sombra.
- Quando lhe pediram tamanha exorbitância pela renda duma casa ele, ingenuamente, perguntou:  
— Agora só alugam a casa ao ano?
- Era alérgico a medicamentos e assim que o médico lhe disse que teria de tomar sedativos para dormir, ripostou:  
— Não, sr. dr. Eu passo a ver televisão todas as noites.
- Orgulhava-se de ser um sujeito de ideias democráticas e definia-se assim:  
— Cá comigo toda a gente pode escolher a cor que quiser, desde que seja o azul.
- Eh, pá, conheces bem aquela rapariga que se chama Maria da Virtude?  
— Conhecia!  
— E, agora?  
— Agora, simplesmente... Maria!

## POSTAL DA RUA 19

### ESPINHO — CIDADE

Não nasci, mas cresci nesta linda cidade de Espinho e toda eu fui regozijo com a elevação a cidade desta bela e amiga terra. Acompanhei os momentos de satisfação, dos espinhenses, com uma alegria extraordinária por ver que a praia amiga que me acolheu — quando eu era ainda pequenina — tinha recebido o prémio bem merecido pelo seu labor, pela sua fidalguia e pela sua beleza.

Não são os meus olhos, cheios de amor por ela, que a vêem desta maneira, nem a realidade dum coração reconhecido por tudo de bom que ela me proporcionou no triunfo da minha carreira e na sensibilidade do meu espírito que a par da educação familiar, que recebi, me deu um ambiente cheio de bondade e carinho que tornou a minha juventude credora duma saudade eterna por esta adorável cidade, mas sim o testemunho das pessoas que a visitam e que por cá se deixam ficar, ou vêm sempre que podem, porque qualquer coisa de inexplicável as atrai e as obriga a fixarem-se aqui e a considerarem Espinho a sua terra adoptiva.

O seu encanto enfeitiça todo aquele que é sensível ao ambiente acolhedor do seu povo, das suas ruas, das suas esplanadas, do seu mar e praia salubres, e a tudo que rodeia o visitante nesta linda e progressiva cidade.

E talvez, por tudo isto, eu ache estranha a maneira como alguns espinhenses enfrentaram a elevação de Espinho a cidade. Não sei mesmo compreender como alguns encaram esta distinção cheios de desconfiança e receio... não, não sei. Eu só compreendo que os filhos dignos devem alegrar-se com a promoção dos seus pais.

Mais responsabilidades? E para que servem os filhos, quando os pais precisam de auxílio?

Outros há que criticam o ambiente e as condições sociais e culturais da juvenzinha cidade, como se a elevação a cidade fosse já de alguns anos e não de três meses apenas. Creio que não são justas, ou pelo menos são extemporâneas, tais apreciações. É preciso dar tempo para que a nova cidade tome consciência das suas responsabilidades como cidade, e, se depois, alguma coisa não correr bem, então critiquem e façam má-língua, se isso lhes der prazer; na certeza, porém, que melhor não fariam, nem melhor encontrariam noutra cidade qualquer. É certo que na cidade de Espinho há muita coisa a fazer sobre o ponto de vista de Educação, de Higiene, de Assistência e Cultura; mas qual a cidade que não mereça esses mesmos reparos?

Demos as mãos, ajudemos e colaboremos todos, animando e não censurando, e veremos a nossa jovem e bela cidade modificar-se, não só no seu aspecto físico (que tão urgente se torna!) como também no seu aspecto cultural e social; aspectos estes bem mais necessários e dignos duma cidade, do que muitos daqueles outros criticados, que nada podem influir na dignificação duma cidade. Que influência pode ter um arraial ou uma procissão na valorização duma terra, seja ela cidade ou aldeia? Continuo sem compreender...

A nossa bela e gentil cidade de Espinho tirou o seu curso, ficou distinta e agora resta-nos dar-lhe amor — muito amor — e então ela crescerá em benefício para todos e reconhecerá o nosso carinho por ela em progresso constante e em todas as actividades de promoção social. Mas, por amor de Deus, não a censurem, ajudem-na a crescer em Caridade, Bondade e Justiça.

IMO



## O INIMIGO PÚBLICO

De WOODY ALLEN

1. A comédia cinematográfica, tal como qualquer outro meio de fazer rir, tem uma grande aceitação da parte do público, visto que este sente a necessidade de rir para se libertar dos seus problemas, para fugir ao quotidiano. Mas, por outro lado, a comédia tem significado sempre para os espectadores uma válvula de escape, como crítica desapiedada e lúcida de pessoas e instituições, tornando-se um meio eficaz e concludente de pôr a descoberto determinados calcanhares de Aquiles da sociedade que reduz as pessoas a simples peças duma máquina devoradora de trabalho humano.

Por conseguinte, é a comédia um dos modos mais populares do espectáculo cinematográfico e, por vezes, um meio de crítica social, crítica esta que será racional e não alienatória consoante as intenções e os meios empregues pelo realizador.

Tendo a comédia o seu ponto culminante na época do cinema mudo, cai-se, com o surgir do sonoro, numa comédia sofisticada, vivendo muito à

custa da música e do esplendor dos cenários, faltando-lhe a naturalidade, a espontaneidade e a contundência das obras dum Chaplin ou dum Buster Keaton. Certos autores tentam, portanto, fazer ressurgir tal espécie de comédia, tal como os irmãos Marx, Jerry Lewis, Jacques Tati, Pierre Étaix e Woody Allen.

É de Woody Allen, o filme a exhibir no dia 26 do corrente e que merece a nossa atenção.

2. Woody Allen começa em 1969 uma série de filmes de fundo, após ter escrito peças de teatro e colaborado noutras obras como argumentista e realizador, notando-se alguma influência dos cómicos da era do mudo:

- 1969 — O Inimigo Público
- 1970 — Bananas
- 1971 — O Grande Conquistador
- 1971 — Everything you always wanted to know about sex...

(Continua na pág. 8)

**RESIDÊNCIA**  
1.ª CLASSE  
\* \* \* \* \*

**GIRASSOL**

RUA SÁ DA BANDEIRA, 133  
TEL. 21891/2/3 — PORTO-PORTUGAL

Todos os quartos com banho  
Todas las habitaciones con baño  
Toutes les chambres avec salle de bain  
Every room with bath

**RESTAURANTE**  
TELEFONE 27393  
MARISCOS • PRATOS REGIONAIS  
BACALHAU E TRIPAS À MODA DO PORTO  
TODOS OS DIAS • ÀS 5as E DOMINGOS  
FEIJOADA À BRASILEIRA

## NÚMERO DE NATAL

Comemorando a quadra festiva que se aproxima, vai D.E. publicar um número especial de Natal. Nele dedicará desenvolvida reportagem sobre todas as actividades, dos mais variados sectores, verificadas nas cinco freguesias do concelho. Esperamos das entidades já consultadas e a consultar o melhor apoio e colaboração para que este número especial em projecto possa atingir os objectivos desejados.

DEFESA DE **ESPINHO**

SEMANÁRIO

AVENÇADO

À  
Câmara Municipal de Espinho

ESPINHO